

ELOGIO DE CASTRO ALVES*

Minhas senhoras; meus senhores. – Obedeço, ainda assustado e confundido, à honra da eleição que me eleva até aqui. Incapaz de ambicioná-la, nem sonhá-la, achei-me, todavia, desarmado para lhe resistir. Cativo à espontaneidade dela, não menos cativo me senti à origem deste mandato, à bela geração nova de minha terra, aos moços, àqueles que, em todo país suscetível de ressurreição ou de progresso, representam a aliança da generosidade com a força, o grande desinteresse e as grandes aspirações. Mas, designando para esta homenagem ao poeta o último dentre vós, arriscastes-vos a uma temeridade, que me deixou perplexo, enquanto não sondei intimamente o vosso desígnio. Agora sim, que o percebo. Não foi um excesso de inexperiente confiança; foi, pelo contrário, uma deliberação maduramente refletida: para demonstrar a profundidade da influência da obra desse extraordinário representante da nossa poesia, a voz que a houvesse de atestar, devia partir, não dos cimos, mais próximos do astro, deslumbrados pelo seu esplendor, escaldados pela sua irradiação, mas cá da humildade do vale, que de tão longe o contempla. Neste sentido, a infimidade da escolha foi um novo tributo ao nome que comemorais, e a este título a vossa designação acertou.

Bastar-me-á, pois, ser sincero, para ser fiel à vossa intenção; tanto mais quanto, distanciado dele pela diferença das nossas vocações, pela eminência da sua predestinação, bem perto estive de sua alma pela amizade. Ela, todavia, não foi longa, posto nos encontrássemos desde o primeiro período da vida, em que ele me precedeu apenas alguns anos. Estava reservada aos mais saudosos da nossa passagem pelos estudos superiores uma intimidade, que a comunhão do mesmo teto estreitou, na formosa S. Paulo, onde a sua musa celebrou uma vez a aliança do Paraguaçu com o Ipiranga, entre as flores agrestes de cuja várzea desfiou prodigamente as pérolas dos seus versos, e cujas neblinas, ainda muito mais tarde, vagamente flutuavam nas cismas da sua poesia. Vós conheceis a fraternidade republicana, a incomparável familiaridade de um lar acadêmico, onde uma transparência singular mutuamente revela na mais perfeita limpidez as inteligências e os caracteres. Relembrando hoje os primeiros fulgores da sua reputação literária, poderia eu conscienciosamente, pois, traduzir a minha admiração por aquela esplêndida aurora nas

* BARBOSA, Rui. *Trabalhos diversos*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. (Obras Completas de Rui Barbosa, v. 8, 1881, t. 1).

mesmas palavras em que um dos maiores estadistas, literatos e críticos do nosso tempo não corava de exprimir a sua por um mancebo levado dentre os vivos aos vinte e dois anos, noutra país, na encanecida Álbion, velha a quem ainda não ensinaram a sabedoria que incompatibiliza a mocidade com o gênio: “Eu o fitava como grimpa de longínquos Alpes, deleitando-me em contemplar-lhe na ampla fronte o despontar do sol”.¹

Desaproveitado teria, porém, o melhor das impressões desse contacto com aquela bem-fadada natureza, se não me houvesse habilitado a dar testemunho da delicadeza de sua sensibilidade e do vigor de seu coração. Ele palpita na sua obra poética, de que, como da sua vida, foi um poderoso fator. O mais íntimo de sua alma, impetuosamente apaixonada pela verdade, pelo belo, pelo bem, comunicou sempre com as alturas alpinas do seu gênio por um jato contínuo dessa lava sagrada, que fazia dos seus lábios uma cratera incendiada em sentimentos sublimes. Aos que não estremecerem a esse influxo, não me incumbo de demonstrá-lo. O coração não se prova com o escalpelo ou o silogismo: sente-se por uma afinidade impalpável, como o sentireis hoje nalguns dos seus acentos, ainda faltando-lhe agora o encanto daquele órgão irresistível, um desses que transfiguram o orador ou o poeta, e fazem pensar no glorioso arauto de Agamemnon, imortalizado por Homero, Taltíbios “semelhante aos deuses pela voz”.

Magnificar nele uma parcialidade literária não mo permitiriam nem o caráter desta solenidade nem a minha incompetência. A minha incompetência, porque dela provavelmente resulta o não militar eu em nenhum dos campos rivais: classicismo, romantismo, naturalismo ou realismo são, a meu ver, momentos necessários no desenvolvimento da civilização ocidental, na evolução da arte. Todos têm a sua escória desprezível e os seus produtos efêmeros: mas todos, por sua vez, contribuem com gemas preciosas e criações duradouras ou eternas para o cabedal permanente do gênero humano. O que não compreendo, é certa conspiração de arrasadores, sem benevolência nem originalidade, cuja fé é a destruição, cujo destino, a esterilidade, cuja lei a intolerância de um egoísmo, que, no seu vasto deserto de negações, não deixa mais lugar que para a vegetação de algumas nulidades incapazes de fazer

¹ I marked him

As a far Alp: and loved to watch the sunrise

Dawn on his ample brow.

DE VERE: *Mary Tudor*, I, V, 1. Palavras aplicadas por Gladstone a Arthur Henry Hallam, objeto do célebre volume de poesias de Tennyson “*In Memoriam*” V. GLADSTONE: *Gleanings of past years*. London. 1879, Vol. II, p. 136.

sombra aos preconizados da seita. O segredo do seu proselitismo consiste na linguagem de depuração científica que ostentam falar, na aparente cruzada contra o artifício, contra a deturpação da natureza, contra as convenções arbitrárias, contra os ídolos de uma tradição cega. Mas a sua senha real é a abolição das superioridades independentes e a inauguração do pontificado da mediocridade, com seus dogmas, seus bonzos, suas imunidades, sua fraseologia árida, pretensiosa e vã.

Não é por aí que a poesia se há de acercar da ciência, em cujo ambiente deve procurar novos haustos de vida. De que belezas pode ser manancial para a arte a filosofia positiva, a observação experimental do universo, aí estão, para o entrevermos, esses raios de poesia esparsos da coroa da grande cabeça que acaba de fechar os olhos nas margens do Sena. Quem cantou mais ungidamente do que o sucessor de Comte a luz refletindo as suas ondas de mundo em mundo, como de escolho em escolho, no oceano do vácuo, o céu estrelado “com a sua própria imensidade por véu”, a terra, “nossa pátria, mundo entre os outros mundos”, a velhice com “o seu oriente deserto” e o poente clareado pela saudade?² Mas, se o viço dessas flores abrolhadas na vida estudiosa e austera do ilustre pensador francês, deixa vislumbrar a ação fecundativa da ciência nos domínios da arte, toda a parte crítica da sua obra é uma lição viva contra o exclusivismo dos anátemas de escola, na literatura como na ciência. Bem pouco valeria Castro Alves, se a estabilidade do seu nome se achasse ligada às feições específicas e aos transitórios destinos dessa fase literária a que entre nós se imprimiu o selo da influência e do nome de Hugo. Na sua personalidade esses não passam, a meu ver, de traços acidentais. O que faz a sua grandeza, são essas qualidades, superiores a todas as escolas, que, em todos os estados da civilização, constituíram, e hão de constituir, o *poeta*, aquele que, como o pai da tragédia grega, possa dedicar as suas obras “ao Tempo”: sentiu a natureza; teve a inspiração universal e humana; encarnou artisticamente nos seus cantos o grande pensamento da sua época.

Que não cantou ele, e que não cantou como poeta, desde os primeiros ensaios do seu gênio? Dir-se-ia que a sua musa roçara os lábios no mel de todas as doçuras e na essência amarga de todas as agonias do nosso destino passageiro pela face da criação; que por asas escolhera dois raios amorosos do sol, para afagar todas as harmonias do universo, e, como o épico do céu e do inferno na extrema visão do empíreo, molhara as pálpebras no rio de luz em

² Litté: La lumière. Les étoiles. La terre. La vieillesse.

que Dante umedeceu os olhos para a contemplação da suprema beleza.³ Sob a magia e a opulência do seu estro chega-se quase a exclamar com ele:

Não vês?... Do céu a cúpula azulada,
Como uma taça para nós voltada,
Verte poesia a flux!...⁴

Os assuntos menos novos reflorescem-lhe no alaúde, e o seu gênio por toda a parte, como que insensivelmente.

Sacode estrofes, qual do rio a garça
Pérolas solta das brilhantes plumas.⁵

Arguem-no de frieza, de insensibilidade, de ausência de coração. Mas vede se nunca o sentimento se derramou num óleo de piedade mais suave do que nesta figura angélica do orfãozinho, tendo por brinco a espada, não menos órfã, do bravo imolado à pátria:

Ai quantas vezes a criança loira
Seu pai procura, pequenina e nua,
E vai, brincando co vetusto sabre,
Sentar-se à espera no portal da rua!

Mísera mãe, sobre o teu peito aquece
Esta avezinha, que não tem mais pão,

³ E vidi lume in forma di riviera

Fulvido di fulgore, intra due rive,
Dipinte di mirabil Primavera.

.....
Non é fantin, che si subito rua
Col volto verso il latte, se si svegli
Molto tardato dall'usanza sua,

Come fec'io per far migliori specchi
Ancor degli occhi, chinandomi all'onda,
Che si deriva, perchè vi s'immegli.

E, si come di lei bevve la gronda
Delle palpebre mie

DANTE: *Paradiso*. XXX, 21, 28-30.

⁴ CASTRO ALVES: *Espumas flutuantes*, p. 40.

⁵ CASTRO ALVES: *Op. cit.*, p. 52.

O pai descansa, fulminado cedro,
Do vasto pampa no funéreo chão.⁶

Este raio, evocado para explicar a queda do soldado obscuro, ergue redivivo aos nossos olhos o vulto do herói desconhecido, e crê-se descobrir-lhe por entre os dedos as madeixas douradas da criancinha, que lhe não sente as carícias, e ainda por ele alonga a vista, do soalheiro do lar, ermo para sempre da presença paterna. Não sabe o pequenino que ele não volverá mais, e abraça inocentemente a muda testemunha dessa glória ignorada,

Enquanto os nautas que ao Eterno vão,
Os ossos deixam, quais na praia as âncoras,
do Vasto pampa no funéreo chão.⁷

Oh quanto é repassada de alma aqui a poesia! Como faz estremecer em nós o sentimento da presença desses mortos “que o coração guardou!”⁸ Barco sem âncora, como hás de ser mais nosso, quando se te quebraram as cordas da vida? Como? Na enseada tranqüila da nossa memória, onde a saudade serenou as tormentas, e o coração lembrado é a âncora que se não parte.

E creia alguém extinto nos mortos o amor? Não no quer o poeta. A ossada fria descansa no sacrário da terra. Mas, se lhes perguntardes pelo coração, um falar-vos-á, como a visão de Francisca de Rimini, na última beatitude da paixão correspondida; responderá

Outro: “Dei-o a meu pai.” Outro: “Esqueci-o
Nas inocentes mãos de meu filhinho.”
Meus amigos, notai: bem como o pássaro,
O coração do morto volta ao ninho.⁹

Castro Alves foi um dia injusto consigo mesmo, dando por musa ao seu poeta “o amor e a natureza”.¹⁰ Ninguém desferiu ainda mais maviosamente as cordas mais santas do amor humano: acabamos de vê-lo. Veremos como a natureza sorri, irradia, e magoa-se nos seus versos. Mas a sua musa não é só a da natureza e do amor: é também, e sobretudo, a do heroísmo, a do direito e a da glória. A glória inebriou-o uma vez, e fê-lo ver mal o direito, quando, nessa grandiosa poesia das *Duas ilhas*, irmana o proscrito da tirania com o proscrito

⁶ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 10.

⁷ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 11.

⁸ LITTRÈ: *La vieillesse*.

⁹ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 188.

¹⁰ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 164.

da liberdade, a revolução com a fortuna que a estrangulou. Mas é ele próprio quem, naqueloutra, em cujo pórtico parece assomar a América, radiante da sua virgindade primitiva, canta no *livro* a conquista pacífica do orbe pela ciência que é o direito. Na *Visão dos mortos*, em que crer-se-ia arrebatado o poeta esse “vento dos hinos lúgubres” que brame nos coros de Ésquilo, é sublime de divino terror a imagem do

Tiradentes sobre o poste erguido,
.....
Pelos cabelos a cabeça erguendo,
Que rola sangue, e que espadana estrelas.

Eis o heroísmo supremo, o que estrela de constelações o patíbulo, e, às irradiações da sua auréola sideral, deixa suspeitar nas trevas o despotismo, torvo como Caim, na impotência dos seus rancores contra a imortalidade do direito. Essa coroa de astros é a apoteose da liberdade triunfante nos seus mártires.

Vede-a agora, transfigurada pela indignação contra os caluniadores das memórias santas, no vulto titânico de Pedro Ivo,

Coa noite no peito, coa noite no busto.
.....
Uiva o tufão nas dobras do seu manto,
Como um cão do senhor ulula aos pés.

A maldição, que lhe cai da boca sobre os covardes como pancadas de um malho ciclópeo, termina por um vaticínio de liberdade, e a visão desaparece, atravessando a noite

Co’ um grito de glória na boca a rugir.¹¹

O poeta é sempre o filho viril do grande e forte século, a quem cantou em estâncias de gigantesca audácia,¹² e que parece tê-lo nutrido, como a antiguidade ao filho de Peleu, da *medula leonina*.

Mas essa nutrição heróica não o inibe de achar às vezes a brandura da pomba e o sentimento do mimo como o colibri. Seu peito

Ruge estridente do que é grande ao sopro;¹³

¹¹ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 58 e 65.

¹² CASTRO ALVES: *O Século*.

¹³ CASTRO ALVES: *Espumas flutuantes.*, p. 53.

mas também destila ternura como um favo, e sente como verdadeiro inspirado diante da mulher. Ele soube cantar em notas ardentes, ou doces como a ambrosia olímpica, a deliciosa fragrância dessa “*bela calamidade*”. Perdoem-me as minhas graciosas ouvintes; não é do orador a frase: é uma reminiscência importuna e descortês de Hesíodo, o poeta das durezas rústicas do trabalho, que, como o antigo oriente, não via nas graças do sexo belo senão tentadora malignidade. Nós protestamos pelas nossas contemporâneas contra a malevolência do velho cantor de Prometeu; e Castro Alves conosco. É sincero e apaixonado o seu culto pela mulher; confunde-se no seu espírito com o das flores; chega a não a distinguir delas: inadvertido, seria capaz de colhê-la, entre as rosas de um rosal, para a grinalda de sua harpa lírica, como “um sorriso num jardim aberto”, ou “um beijo que nasceu na veiga”.¹⁴

Também há, porém, entre essa magnífica flora humana, como na do mundo vegetativo, a insídia e a morte sob as cores, cândidas ou rutilantes, da pureza e da vida. Vedes, esvoaçando incautas de redor daquelas flores esbeltas e vivazes, esse enxame de criaturinhas aladas? As mais delas fenecerão com o dia que as viu nascer. A ciência pôs-lhe, pois, desde Aristóteles, o nome de *efêmeras*; como *efêmeros* nos apelidavam, no teatro do divino trágico de Elêusis, as zombarias de Hermes contra o deus encadeado “por amar os homens”. A namorada multidão alígera requesta a *drósera* gentil, em cada cílio de cujas folhas oscila, como lágrima, uma gota cambiante de orvalho, a *sarracênia* purpúrea, cuja ânfora elegante orla as margens de mel. Mas a esses tipos ridentes da perfídia e da voracidade no mundo das plantas não basta o ar, a luz, a seiva da terra: é de muitas existências que se há de alimentar a sua. Aquela umidade que as roreja, não é nem o mel nem o orvalho: é a sedução voluptuosa da mentira e da crueldade. Aquele dulçor, aquele pranto querem vidas. Quando essas pálpebras rociadas se descerrarem, quando se soabrir esse regaço, o mísero prisioneiro terá deixado toda a substância do seu ser na urna implacável da insetívora, onde buscara o paraíso. Essa curiosa e terrível família ocupou um capítulo, dos mais interessantes, na obra científica de Darwin. Por entre a exuberância tropical do lirismo do poeta baiano também às vezes vereis acenar à fantasia juvenil com o cálix rubro das suas atrações a gentileza dessas inexoráveis destruidoras. Mas o sopro da alma do vate, intimamente pura, sacode-as de vez em quando, frio e cortante como lufada gemente e ríspida do norte, e as desfolha pelo chão.

¹⁴ CASTRO ALVES, *Ibid.*, p. 115.

Se quereis conhecer a t \hat{e} mpera s \tilde{a} da sua musa, deixai-vos impregnar da atmosfera religiosa daquele canto *pelas sombras* rematando com o triunfar das crenças do berço do poeta:

Acende, oh viajor, a fé no coração!¹⁵

meditai naquelas confidências *sub tegmine fagi*, que santificam a amizade, consorciando-a com o perdão e a prece:

Qual no fluxo e refluxo o mar em vagas
Leva a concha doirada... e traz das plagas
Corais em turbilhão,

A mente leva a prece a Deus – por pérolas,
E traz, volvendo após, das praias c \acute{e} ruleas
Um brilhante: o perdão;¹⁶

associai-vos àquela visita, enfim, à casa de seus pais, à sua *Boa-Vista*, onde as imaculadas recordações da puerícia lhe desfazem todas as ambições num longo suspiro de saudade:

Não quero mais lauréis; quero as rosas da infância.¹⁷

E a *Hebréia* que é, senão uma deliciosa personificação da saudade na simpatia pelas tristezas do exílio irremissível de uma raça inteira? As lágrimas intumescem ali a torrente do Cedron. Serão realmente vibrações da lira hebraica de Byron, ou o segredar misterioso do “lótus para o chão pendido”?¹⁸ Alguns toques mágicos desenrolam-vos aos olhos a miragem do esplêndido oriente, com a sua intensa luz, as suas sombras profundas, os oásis dos seus desertos, o esmalte de lírios dos seus vales, os palmeirais das suas planícies e os cedros milanários dos seus montes. Sempre o mesmo pincel encantado; sempre a mesma irresistível sinfonia; sempre a mesma verdade nas notas e nas tintas, quer acenda o sol coruscante da tarde nas matas virgens,¹⁹ quer repercuta a poesia popular nas *tiranas* do sertão, nas modulações da viola do *tropeiro*, ou nas cantigas *de rancho*.²⁰

¹⁵ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 119.

¹⁶ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 38.

¹⁷ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 99.

¹⁸ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 7.

¹⁹ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 153.

²⁰ CASTRO ALVES: *Canção do Violeiro. Manuela* (cantiga de rancho). *A Tirana* de Lucas, na *Cachoeira de Paulo Afonso*. A canção de Carlota, no *Gonzaga*.

Ainda quando ele nos não tivesse legado mais do que isso, não bastaria a originalidade e a beleza superior de tantos primores de uma inspiração delicada e pujante, para assegurar à sua Sombra o direito de exclamar, como a do autor da *Oréstia* na comédia de Aristófanes: “Morri; mas a minha poesia me sobrevive”?

Oráculos há, bem sei, que não admitem gênios de menos de quarenta anos, nem sem certa bagagem de volumes impressos. Mas aos vinte anos apenas e com sós duas poesias conquistou Giacomo Leopardi, no primeiro quartel deste século, os louros, que ainda subsistem, do primeiro poeta contemporâneo de seu país,²¹ e, nessa segunda pátria da arte, mereceu que lhe prendessem a filiação literária à estirpe de Dante.²²

Entretanto, bem sabeis que ainda nos não aproximamos do grande monumento de Castro Alves. Antes, porém, de o admirarmos, eu, que aliás aqui não vim, nem quero, nem devo, nem sei esgrimir com a crítica, duas palavras direi em defesa desse nome caro ao país.

Tacham-no de faltar-lhe a pureza clássica da palavra, que assinala as obras imperecíveis. Certamente a sua privilegiada capacidade se teria opulentado de recursos incalculáveis nas fontes da nossa prodigiosa língua, não menos soberana, não menos imensa, não menos onipotente que a de Itália.²³ Ninguém mais do que eu deplora que lhe escasseie às vezes essa flor de vernaculidade, que acrescenta ao gênio um perfume indizível. Para esses fecundíssimos estudos tê-lo-ia atraído, creio eu, o seu gosto de artista, se a morte lhe não vedasse a segunda florescência do seu talento; mas um feliz instinto da sua vocação supria frequentemente nele a aplicação investigadora, e revelou-lhe no idioma pátrio excelências de primeira água. Sem negar-lhe incorreções, de que aliás a crítica, que por aí o intenta deprimir, é de ordinário, entre nós, a primeira a dar os piores exemplos, o fato, não menos certo, é que elas não são numerosas, nem tão graves que maculem a beleza geral das suas concepções, ou

²¹ “This Canzone (All’Italia), with the one which follows it, must at once have placed him in the first rank among the lyric poets of his country”. W.E. GLADSTONE: *Gleanings of past years*, vol. II, p. 92.

“When we regard Leopardi in this character of a poet – in which *no Italian of the present generation*, except Manzoni, *even approaches* him, and he in a different order, and perhaps *but in a single piece...*” Ibid., p. 88.

²² “His gift of compression, in particular, is one which seems, not borrowed, for such things no man can borrow – they are marked “not transferable” – but descended or inherited from the greatest of all masters of compression, from Dante itself”. GLADSTONE: *Ibid.*, p. 91.

²³ “...questa nostra lingua, *sovrana, immensa, onnipotente*”. GIACOMO LEOPARDI: Op., V, p. 40. *Apud* GLADSTONE, *op. cit.*, p. 85.

prejudiquem aos grandes contornos da sua obra. São rápidos lapsos do cinzel, que a lente do micrografo descobrirá, avultando-os, mas que não destroem a expressão e a grandeza do conjunto.

Acusam-no de ampliações enormes, de hipérboles extravagantes, de empolas colossais. Não tenho, senhores, a dita de ser iniciado nos mistérios da crítica; o que não quer dizer que não compreenda a sua utilidade, quando ensina, e adverte. Mas detesto-a, quando se reduz a amesquinhadora das grandes coisas, e amontoa acidentes, para converter em aleijão o sublime. Não alimento, pois, a pretensão de exercer magistério entre ela, e rever as suas sentenças. Apenas, diante das criações do gênio, é involuntário, irreprimível em mim o grito de assombro daquele espectador atônito, no *Museu Britânico*, ante os destacados fragmentos da obra de Fídias: “*Deus, ecce Deus*”. Não tenho culpa da minha ingenuidade. Mas o que sei, é que os incomparáveis criadores da arte não evitaram a mordacidade profissional dessa personagem. Aquele mesmo a cujos rapsodas*, como aos de Homero, conferiu a antiguidade o privilégio de empunharem o ramo simbólico de mirto; aquele cujos dramas a república ateniense mandou imprimir num exemplar sagrado, entregue à guarda da cidade; aquele sobre cujo túmulo a Sicília oferecia sacrifícios divinos, – o trágico da primeira trilogia de *Édipo* não lhe escapou aos epigramas, ainda muito depois da sua morte. Do seu estilo e dos seus heróis diz-se, nas *Rãs* de Aristófanes: “Palavrões de penacho, do tamanho de montanhas, versos madeirados como a carcaça de um navio, almas forradas de sete couros de boi”. Quereis, realmente, ouvir algumas das suas estupendas metáforas? A poeira é “a irmã sedenta da lama”, ou “a silenciosa prenunciadora do exército”; a chama é “a agitada irmã do fogo”; o abutre algoz do condenado do Cáucaso é “o cão alado de Zeus”; o mar é “a madrasta dos navios”, que abre, para os tragar, “violentas maxilas”, e, depois do naufrágio, ostenta-se “florido de cadáveres”. Nas *Súplicas*, às ribas de Argos, o coro das Danaides responde às injúrias do arauto dos filhos de Egíptos: “A afronta ladra na praia! Tu bebeste a onda amarga, e é essa o que me lanças às faces”. Dânaos, comunicando às filhas a magnanimidade do voto popular que os acolhia, descreve o ar “erizado das destros do povo inteiro”. O ferro assume-lhe nos versos uma individualidade animada e pensante: é “o emigrado da Cítia, duro distribuidor de heranças, que atira aos guerreiros os dados da terra”. Dizei-me agora: não tateais alguma coisa dessa maravilhosa imensurabilidade

* Está assim na 1ª ed.: *rhápsodas*.

esquiliana na poesia de Hugo? Não a sentis, ainda, em geral, nas excentricidades increpadas a Castro Alves?

Convencido estou, senhores, com um dos mais eminentes críticos de arte de que se ensoberbece hoje em dia a Europa, que “as toesas e côvados da retórica, aplicados a gênios tais, se nulificam até ao ridículo”;²⁴ e a presunção de observar a microscópio, e bitolar a milímetros o mérito desses criadores excepcionais recorda-me a posição do homem de Swift entre as miniaturas humanas de Lilliput: aos olhos desses homens de cinco polegadas os próprios poros da epiderme do viajante deviam-se afigurar inexplicáveis deformidades.

Possuamo-nos, senhores, agora da alma do poeta, para penetrar nessa galeria de fragmentos admiráveis da grande obra, de que o seu escopro talhou apenas membros dispersos, mas que, não obstante, ficará sendo no Brasil o “*poema dos escravos*”. Aventuraram que ele lhe dedicara uma parte comparativamente insignificante da sua vida. Não é difícil, porém, demonstrar que, pelo contrário, essa idéia sempre o absorveu quase totalmente; que da sua existência ele empregou a mais extensa quadra, a melhor sação e os mais abençoados frutos nesse pensamento imortalizador.

Desde 1865 votou o poeta seu canto a essa causa divina:

Traze a bênção de Deus ao cativo;
Levanta a Deus do cativo o grito.²⁵

É a profissão de fé do apostolado a que se consagra. Na espinhosa jornada

Deus acompanhe o peregrino audaz.²⁶

Desde então começa a aureolar da sua poesia a raça vitimada. Mas, acenando com a liberdade às gerações nascentes, não esquece os que cerraram os olhos no cativo; e, nos primeiros passos da sua peregrinação, destaca-se a imagem do poeta, adorável como uma evocação evangélica da caridade, aljofrando de pranto a lápide nua do escravo:

Caminheiro, do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou.
Não lhe toqueis no leito do noivado:

²⁴ PAUL DE SAINT VICTOR: *Les deux masques*. Paris, 1880, p. 105.

²⁵ CASTRO ALVES: *Adeus, meu canto*.

²⁶ CASTRO ALVES: *Espumas flutuantes*, p. 51.

Há pouco, a liberdade o desposou.²⁷

Não é, porém, uma salmodia o que ele empreende, mas um combate. Quer intervir profundamente na ação social. A impaciência do reformador freme no peito do poeta contra a tergiversação dos homens, capazes de querer

Que o porvir na ante-sala espere o instante,
Em que o deixem subir.²⁸

Canta, batalha, e vaticina. Essa lei que redimiu a maternidade aos descendentes de África, não a antevedes, como ao relâmpago de uma profecia, nesta súplica encantadora?

Senhor Deus, dá que a boca da inocência
Possa ao menos sorrir.

Como a flor da granada abrindo as pétalas
Da alvorada ao surgir.²⁹

Só seis anos mais tarde se decretou a reforma de 28 de setembro. Mas a semente era de bênção, e germinou muito antes; porque já em 1869, numa loja maçônica, a *América*, infatigável semeadora de inteligência e liberdade em S. Paulo, um grupo de moços, entre os quais tive a fortuna de achar-me (permiti à minha memória a legítima satisfação desta reminiscência desprezível) promovia, e fazia adotar como compromisso obrigatório a todos os membros daquela família, a emancipação dos frutos da escrava.

Mas a musa abolicionista não é só a vidente, a cujos olhos se faz diáfano o porvir: é, ainda, a Nêmesis do remorso, mergulhando nos abismos dessa história tenebrosa da escravidão, para extrair de lá nos sofrimentos seculares do cativo o corpo de delito de barbaria da sociedade opressora. À voz do poeta, projeta ao longe a sua sombra sinistra esse quadro tétrico do *Navio Negreiro*, necrópole flutuante, onde os sepultados

Nem são livres... p'ra morrer;

onde o látigo mede a uma coréia de fantasmas vivos a cadência de uma dança inaudita, e em torno do qual o mar parece perder-se num círculo infinito de gemidos. A exclamação

²⁷ CASTRO ALVES: *A cruz da estrada*.

²⁸ CASTRO ALVES: *Estrofes do solitário*.

²⁹ CASTRO ALVES: *Súplica*.

shakespeariana prorrompe de todas as almas: “Pois os céus puderam presenciá-lo, sem se abalarem”?³⁰

O patriotismo chora nos olhos do poeta:

Existe um povo que a bandeira empresta,
P'ra cobrir tanta infâmia e covardia?
.....
Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio, musa! Chora, chora tanto,
Que o pavilhão se lave no teu pranto.

Para tamanha indignação, porém, não havia lágrimas bastantes: a chama estua, rebenta, e estala num fuzilar de cólera, que varre o oceano, e rasga de extremo a extremo o horizonte:

Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

O assunto encarna-se no poeta; as chagas da raça crucificada reabrem-se-lhe nos cantos. O cativo representa-se ali pelas suas duas faces: ora Cristo, ora ódio. O ódio é o “*Bandido Negro*”, a “seara vermelha”, esse rubro cântico de Espártaco, onde vibram dessas frases “para se ulularem”, como os terrores de Macbeth, “na solidão de ares desertos, longe de ouvidos humanos”.³¹ O Cristo é essa dorida inspiração das Vozes d'África; essa mãe que traz

Filhos e algemas nos braços;

esse hálito expirante, que dir-se-ia exalado de um Gólgota, quando a agonia borbota neste grito:

Deus! O' Deus! Onde estás, que não respondes?

³⁰ Did heaven look on,
And would not take their part?

SHAKESPEARE: *Macbeth*, IV, III, 223.

³¹ But I have words
That would be howl'd out in the desert air.
Where hearing should not latch them.

SHAKESPEARE: *Macbeth*, IV, III, 193.

Haveis de notar quão profundamente humana é a verdade dessa queixa, desferida, como um treno de murmúrios eólios, de uma alma lacerada de mãe, onde ainda não acabara de murchar a esperança. Lembrais-vos do mito grego? Das prendas trazidas em dote por Pandora, a imagem helênica da mulher, a Epimeteu, o tipo da imprevidência no homem, descoberta a custódia misteriosa, todos os infortúnios desencadearam-se pela terra. “Só a esperança”, diz o poeta da *Teogonia*, “permaneceu, detida nos bordos do vaso, e não voou”. A gentil curiosa recobrirá-o em tempo, por ordem de Zeus, “que acumula as nuvens”. Uma sombra de amara tristeza passa, todavia, nos versos de Castro Alves, pelo azul dessa esperança. Crer-se-ia a esperança do Prometeu de Ésquilo, melancólica como o crepúsculo da tarde, e servindo apenas de véu a um remoto desengano. Ele “revelara aos viventes todas as artes”. – “Nada mais por eles fizeste?”, perguntam-lhe as Oceânides. – “Inibi-os de preverem a morte”. – “E com que remédio os guarneceste desse mal?” – “Pus-lhe no seio a cega esperança”. Será esta a que geme na elegia de Castro Alves? Não. É a esperança aviventada pela fé, que não mente, e unge para a vitória os rins do lutador.

De dia em dia vai ele associando à sua obra novos e irresistíveis auxiliares. A musa do teatro fada-lhe triunfos também, e surge o *Gonzaga*, um dos mais admiráveis lances do poema dos escravos. Nesse drama, *que há de perdurar*; nesse drama, “em cada um de cujos personagens”, digamos com o autor do Guarani, “está esboçado outro drama”; nesse drama, onde realizou em raro grau o primeiro talvez dos predicados do poeta – conceber e pintar o caráter humano³², deu ele corpo a um desses pensamentos que descobrem o gênio num sulco instantâneo de luz: associou indissolivelmente a causa da nacionalidade à da extinção do cativo. Na frente da conspiração de Minas fulgura, burilado pelo poeta e selado com o sangue dos nossos primeiros patriotas, o compromisso abolicionista. A escravidão do negro é a mutilação da liberdade do branco. O elemento servil algema a nação constituída ao regímen colonial. Estas verdades têm ali a mais simpática encarnação. Ninguém mais se lembrará do Tiradentes, sem pensar em Luís, o colaborador dos mártires da Inconfidência. Bem o escreveu a pena ática de Machado de Assis: o escravo eleva-se, no drama de Castro Alves, até à majestade soberana. A par daquele tipo maldito da traição, digno da *Caína* de Dante, do tipo negro de Silvério, a imagem deliciosa de Carlota, a cativa, morta, nos braços de Luís, é a figura celeste de Cordélia

³² “... that which is, after all, probably the first among the poet’s gifts – the gift of conceiving and representing human character”. GLADSTONE: *Op. cit.*, v. II, p. 175. “And this, we repeat, is the crowning gift of the poet: the power of conceiving and representing man”. *Op. cit.*, p. 177.

nos do rei Lear. Até aí, nobre e grande musa, dignificaste o escravo! A altura de Shakespeare subiste nesse momento; e quem se elevou além? Em que pese aos teus depreciadores.

Lá não vão vermes perseguir as águias!³³

E, quando, à beira do exílio de Gonzaga, a poesia, nos lábios da suave heroína do drama, soluça aquelas pungentíssimas notas de desalento sobre o aniquilamento “da raça dos Prometeus”, o espírito, transportado, acredita ver desenhar-se nos visos dos nossos serros o perfil da revolução esmagada, como o Titão grego, da família dos deuses, encadeado pelo Poder e pela Força às montanhas da Cítia européia, com esta exclamação magnífica na boca: “Ó Terra! Ó minha Mãe! Ó Eter, por onde rola a luz! Vede o que sofro eu por amor da justiça!”.

Ora, a revolução no livro de Castro Alves, é o extermínio, não de uma só, mas de ambas as tiranias filhas da metrópole: a do europeu sobre o americano e a do branco sobre o negro. São duas causas irmãs, que ninguém separará mais.

Pelejador incansável, o poeta baiano, se depõe a pena dramática, é, ainda e sempre, para pedir à sua musa lírica, em socorro dos oprimidos, o mais doce harpejar das suas melodias e as suas harmonias mais solenes. Temos então a *Cachoeira de Paulo Afonso*.

Que bem que principia ao desmaiar da tarde esse episódio das angústias íntimas da escravidão! Enquanto na frente do bardo,

Que mesmo para o riso só tem prantos,³⁴

parece concentrarem-se todas as tristezas do cativo, que o grande rio dir-se-ia rolar nas suas águas, a imaginação, em um sonho de fadas, baila com os silfos no cálice doirado das bromélias, e às margens da caudal espumante surge a feiticeira imagem de Maria, “a mimosa flor das cativas.”³⁵ Crer-se-ia na sua primeira aparição a virgem do *Cântico dos Cânticos*: “Eu sou trigueira, mas formosa, como as tendas do Cedar.”³⁶ Escutando-a a

³³ CASTRO ALVES: *Espumas flutuantes*, p. 65.

³⁴ CASTRO ALVES: *Cachoeira de Paulo Afonso*, p. 3.

³⁵ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 6.

³⁶ “Nigra sum, sed formosa sicut tabernacula Cedar”. *Cântico dos Cânticos*, I, 4.

conversar com a canoa amiga e o rio confidente, o poema hebraico diria: “Ouviu-se em nossa terra a voz da rola.”³⁷ E, quando ela se perde,

“Rio abaixo a deslizar”³⁸

a simpatia do leitor inquieto segue-a amorosamente, procurando quem valerá na soledade à graça desprotegida.

Então, aos clarões da mata incendiada, enquanto

...o cedro tomba,
Queimado, retorcendo, na hecatomba,
Os braços para Deus,³⁹

levanta-se,

Como uma estátua de bronze,⁴⁰

o belo e atlético vulto do escravo lenhador: Entrai com ele na senzala; percorrei esse *diálogo dos ecos*,⁴¹ que brincam com as agonias daquela alma; orientai-vos com o desvairado à pista da querida que lhe fugiu; fitai os longes da paisagem, e haveis de adivinhá-la na canoa que flutua, arrastada sobre o dorso do rio:

Parecia, assim vista – ao sol poente –
Esses ninhos, que o vento lança às águas,
E que na enchente vão boiando à toa!...⁴²

Tarde rasga as vagas “o férreo músculo”⁴³ do *nadador* hercúleo. No batel, entregue aos caprichos da corrente, não encontrará mais que a rosa desbotada dos seus amores em busca das rochas, “que lhe desfolhem a vida”⁴⁴, expiação de um crime que não foi seu. O que o espera, não é o alvoroço; é o *adeus*.⁴⁵ Quem, relendo-o, não sentirá em si

³⁷ “Vox turturis audita est in terra nostras”. *Cântico dos Cânticos*, II,12.

³⁸ CASTRO ALVES: *Cachoeira de Paulo Afonso*, p. 11.

³⁹ CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 15.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 18.

⁴¹ *Ibid.*, p. 27-31.

⁴² *Ibid.*, p. 31.

⁴³ *Ibid.*, p. 34.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 39.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 41-43.

mesmo o pranto do escravo, amargo como as lágrimas “...da b’raúna que o machado fere”?⁴⁶

O adeus não lhe serve: ele oculta um segredo; e o amante o possuirá: ou o corpo do suicida, levado de envolta com as palmeiras do rio, irá seguindo a esteira da canoa, para lho exigir, entre maldições, “do seio túrgido do abismo.” Mas “um grito fraco”, “uma mão trêmula” o detém, e “a pálida criança”

...encostou-se ao peito do selvagem,
Como a violeta, as faces escondendo
sob a chuva noturna dos cabelos.⁴⁷

A revelação da pomba maculada pelo milhafre espria-se em três cantos de uma poesia inimitável. Está-se sentindo a calma tropical pelos ervançais da savana bravia; vê-se por entre a candidez da criança a vaidade da moça espelhando-se risonha no cristal que a vai banhar; estremece-se dos seus sustos; as suas hesitações comunicam-se a nós; e, quando a “fuga desvairada” lhe arrebatava as plantas, ensangüentando-as nos silvedos, o coração vai-nos com ela. Que há de fazer “a rola triste” nas garras do falcão, ou o tímido cabrito nas roscas da jibóia? Que farão, senão expirar?

Ou, se escapam, trementes, arquejantes,
Vão, lambendo as feridas gotejantes,
Morrer à sombra da floresta escura.⁴⁸

A mesma lira que encerrava o segredo dessa doçura inefável, tem notas que cintilam como a pupila felina, para exprimir a transformação do amante no tigre:

O selvagem surgiu... sumiu-se o escravo.⁴⁹

É nobre também, é também humano aquele sangue,

Sangue queimado pelo sol da Líbia.
Que ora referve no equador ardente.⁵⁰

Vê-se o faiscar dos raios, que se lhe despedem dos olhos,

⁴⁶ *Ibid.*, p. 45.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 48.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 60.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 61.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 62.

Qual das janelas de um palácio em chamas
As labaredas, irrompendo, saltam.⁵¹

Mas esse “bronze de Aquiles furioso”⁵² guarda ainda no coração o leite das mais cariciosas afeições. Para a vítima, cuja desonra era, ao mesmo tempo, a sua, aquela alma, onde a vingança apagara quase a razão, sabia ainda meiguices como esta:

Enxuga os olhos, meu amor, enxuga!
Que culpa tem a clícia descaída,
Se abelha envenenada o mel lhe suga?⁵³

E as palavras em que o filho acorda ao lado do amante, têm quase a unção de uma prece:

Ó minha mãe! ó mártir africana,
Que morreste de dor no cativoiro!⁵⁴

É por entre o delírio da febre, sulcado de maldições e ameaças, que se entremostra assim o fundo azul daquela natureza. Mas a vingança pesava nela com todo o negrume das suas nuvens; e é daí que borbota, como um ciclone, o canto do *desespero*⁵⁵ de Lucas. Tão mesquinha seria a mão da crítica, para retocar a giz essa tempestade da desgraça, quanto a insânia de um louco para conter os bulhões do céu.

Todo o fel do cativoiro dir-se-ia vertido pela fatalidade na taça daquela vítima; todo o fel do cativoiro parece espremido pelo poeta naqueles versos. O poema do desespero do escravo deve ser esse. Ali a cólera troveja imprecações de uma grandeza bíblica; a ironia chispa como o aço de um estilete; cada frase traspassa os algozes como a ponta ervada de uma seta. Aquela fronte elevadamente humana fez-se de fera, para sacudir o vilipêndio imerecido; e aos lábios, contraídos por um amargor incomparável, crer-se-ia ver assomarem-lhe, a cada palavra, laivos de sangue do coração mortalmente retalhado.

Depois... a história da impureza que dera o ser ao escravo e à mãe a morte: o leite de onde ao filho.

⁵¹ *Ibid.*, p. 61.

⁵² *Ibid.*, p. 62.

⁵³ *Ibid.*, p. 63.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 70.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 67-71.

Pequeno, cativo e nu.⁵⁶

a moribunda,

Preso ao céu pelo desejo.
Preso à terra pelo amor.⁵⁷

afaga-o com o olhar marejado, como

...o raio derradeiro,
Que a lua, quando se apaga.
Manda por cima da vaga,
Da espuma por entre os véus.⁵⁸

A *mãe penitente* aos pés da inocência do filhinho é um desses quadros de que quase só a escravidão seria capaz. Mas, como dignificação da mulher poluída pelas brutalidades do cativo, recende um aroma de quase sobre-humana santidade. Gerando

...um filho para a dor e a fome.⁵⁹

não era às portas do céu, era às do amor filial, que ia bater a sua derradeira oração. A “esmola” de uma lágrima infantil foi-lhe o viático para o último transe. Despede-se “bendizendo”, e granjeando o indulto do verdugo. A última palavra da sua inteligência é um legado de misericórdia:

Deixo-te...
Um crime a perdoar...⁶⁰

O mais já não toca à razão, nem à vida. Uma ironia lívida empana a fisionomia da agonizante, e os lábios balbuciam, no último bruxulear da lâmpada:

Depois, *teve razão*... Essa mulher
É tua e minha *senhora*.⁶¹

⁵⁶ *Ibid.*, p. 78.

⁵⁷ *Ibid.*

⁵⁸ *Ibid.*, p. 74.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 82.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 84.

⁶¹ *Ibid.*, p. 84.

Esse *rictus* funebremente sarcástico ou pertence já ao sepulcro, ou é a dor cruciante da extrema punhalada no coração pressago da mãe com os olhos estendidos pelo cativo do filho, deixado quase entre as faixas do berço.

Quem ousa dizer que Castro Alves não compreendeu a natureza, ou não leu o *Crepúsculo Sertanejo*⁶², ou esse sim que é incuravelmente incapaz de entendê-la. O morrer da tarde; as sombras deitando-se longas pelas águas barrentas: o chorar das araongas

Na esguia atalaia das árvores secas;

as trevas, leopardos negros, rastejando dentre a ramaria das selvas, as pedras do chão, o musgo da terra e os cardos das ruínas; a galha da ingazeira lavando-se na corrente; as garças com o bico vermelho

Por baixo das asas da brisa ao açoite,

e a terra

Cobrindo a cabeça coas penas da noite;

o olhar inquieto do touro selvagem por entre os vimes e as ninféias enormes das ribas alagadas, e através dos bandos de aves aquáticas o resvalar da canoa silenciosa: que tela e que música!

Bandolim da desgraça,⁶³ que revibras nervosamente, soluçando, nos versos do poeta, mão fatídica te dedilha à proa da *canoa fantástica*, sem leme, sem remo, sem vela, tendo por piloto uma estátua, uma sombra, ou um espectro. Embalas talvez os últimos sonhos do anjo extenuado na luta vitoriosa do perdão contra a vingança.

Vede-o:

Vão-lhe os cabelos a rastos
Pela esteira da canoa...
E as flores róseas dos golfos,
Pobres flores da lagoa,
Enrolam-se aos seus cabelos,
E vão seguindo a canoa⁶⁴

⁶² *Ibid.*, p. 89-91.

⁶³ *Ibid.*, p. 93-95.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 98-99.

Em torno, a perder de vista,

Do São Francisco a soberana vaga
Léguas e léguas triunfante alaga.⁶⁵

É num toque de pincel uma descrição inteira

Antemanhã sob o sendal da bruma
Ele vagia na vertente ainda;
Linha amorosa, coa nitente espuma
Orlava o colo da mineira linda;⁶⁶

e pouco depois

Vem, à busca talvez de desafogo,
Bater à porta da baiana esquiva.⁶⁷

É ele, o namorado rio, que arrasta vertiginosamente o batel sem porto rumo da purificação no regaço da morte redentora. Marulha temerosa ao longe essa cachoeira, a que o bardo talhou no granito do seu gênio o primeiro esboço de uma imagem escultural *inacabada*, incorreta, mas onde já se adivinha a mão do grande estatuário.

Quase à sua orla estremece pela primeira vez o vulto hirto, e um fundo olhar baixa sobre a moça exânime.

Ela estava gelada, como a garça
Que a tormenta ensopou longe do ninho,

No vasto mar.

Tomou-a no regaço... Assim no manto
Apanha a mãe a criancinha loira,

Tenra a dormir.

Apartou-lhe os cabelos sobre a testa
Pálida e fria... Era talvez a morte,

Mas a sorrir.

Pendeu-lhe sobre os lábios. Como treme
No sono asa de pombo, assim tremia-lhe

⁶⁵ *Ibid.*, p. 101.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 102.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 102.

O rressonar.⁶⁸

Seguem-se as núpcias sublimes dos dois banidos da vida, quase à aresta da catadupa insondável, de onde lhes estende os braços a liberdade, impossível na terra.

– Sabes que voz é esta?
Ela cismava!

– Sabes, Maria?
É uma canção de amores.
Que além gemeu?
– É uma canção de amores,
– É o abismo, criança!
A moça, rindo.
Enlaçou-lhe o pescoço.
– Oh! não! não mintas!
Bem sei que é o céu.

– Doida! doida! é a voragem que nos chama!...
– Eu ouço a liberdade!
– É a morte, infante!
– Erraste. É a salvação.

– Negro fantasma é quem me embala o esquife.
– Loucura! É tua mãe... O esquife é um berço,
Que bóia n' amplidão.

– Não vês os panos d'água como alvejam
Nos penedos?... Que gélido sudário
O rio nos talhou!...

– Veste-me o cetim branco do noivado...
Roupas alvas de prata... alventes dobras...
Veste-me! ...Eu aqui estou!

– Já na proa espadana, salta a espuma...
– São as flores gentis da laranjeira,
Que o peço vem nos dar!...

Oh névoa, eu amo o teu sendal de gaze!...
Abram-se as ondas como virgens loiras,
Para a esposa passar!...

.....

A celeste africana, a virgem Noite,

⁶⁸ *Ibid.*, p. 109-110.

Cobria as faces... Gata a gata os astros
Caiam-lhe das mãos no peito seu...
Um beijo infindo suspirou nos ares...

.....
A canoa rolava! Abriu-se a um tempo

O precipício... e o céu!...⁶⁹

Não é mais celeste o empíreo que se abre sobre Margarida, na tragédia de Goethe, do que, neste poema, o céu que sorri nos olhos da escrava, a casta desposada, enlaçada ao noivo, com os pés no vórtice e o hino da liberdade na boca. Somente, aqui não é a perdição reabilitada pelo arrependimento: é o martírio, num êxtase de triunfo, revestindo-se do amor enodado, para comparecer à presença do Deus emancipador.

Eis a obra de Castro Alves, senhores; e a sua obra é a sua vida. A mão da morte apagou-o dentre nós; mas a glória restituiu-o ao horizonte como a estrela da manhã para o cativo.

Doa, como doer aos dissecadores de gênios, o nome dele há de ligar-se indelevelmente a uma das fases mais decisivas da história nacional, e a sua poesia é bela dessa beleza indefinível, ante a qual a alma não enumera, não esquadrinha, não argumenta: comove-se, quando não ajoelha. *É bella, perchê é bella.*

Na graça e na cólera os seus versos lampejam freqüentemente com alguma coisa de Ésquilo e Dante; com Shakespeare, o grande mergulhador do coração humano, creríamos que foi buscar alguma vez para a sua obra pérolas e monstros desse pego; compete não raro com Hugo na magnificência oriental do colorido; e, quando chora, que alma sensível não murmurará conosco:

Também sabes chorar, como Eloá!⁷⁰

Já vos disse, senhores: crítico não sou, nem tive em mira uma crítica. Exprimo emoções. Não quero outro comentário, nem outra consagração para o nosso poeta. Exprimo emoções; e a vossa me basta: ela me justifica, e atesta a minha fidelidade.

Agora, a justificação do decenário está em que esse sentimento vosso não se circunscreve a este recinto: retreme, como em vós, no coração do país. Senão, ouçam o

⁶⁹ *Ibid.*, p. 115-119.

⁷⁰ CASTRO ALVES: *Espumas flutuantes*, p. 45.

seu eco na capital do Império. É que Castro Alves escreveu o poema da nossa grande questão social e da profunda aspiração nacional que a tem de resolver.

Pulsa a liberdade até nas suas canções de amor. É como se ela fosse para o bardo o que, nas primitivas crenças da Hélade, era Zeus – a natureza e a vida universal: “Zeus é o ar, Zeus é o céu, Zeus é a terra, Zeus é tudo quanto possa haver acima de tudo”. Ele sentiu, porém, que a liberdade de uma raça fundada na servidão de outra é a mais atroz das mentiras; percebeu que a história da nossa emancipação nacional estava incompleta sem a emancipação do trabalho, base de toda a nacionalidade; e fez da conjuração de Minas o berço. não só da nossa independência, como da libertação futura das gerações condenadas ao cativeiro pela política dos nossos colonizadores e pelos interesses dos traficantes. “Não mais escravos! não mais senhores. Liberdade a todos os braços, liberdade a todas as cabeças!”: é o brado que reboia da alma flamejante de Gonzaga; é a nota perene de toda a obra poética e dramática de Castro Alves.

Ora, o elemento servil é o cunho negro de toda a nossa história, e a extinção do elemento servil será a fímbria luminosa de todo o nosso futuro. A ignomínia que barbariza e desumana o escravo, conspurca a família livre, escandaliza no lar doméstico a pureza das virgens e a castidade das mães; perverte irreparavelmente a educação de nossos filhos; atrofia a nossa riqueza; explica todos os defeitos do caráter nacional, toda a indolência do nosso progresso, todas as lepras da nossa política, todas as decepções das nossas reformas, todas as sombras do nosso horizonte. O abolicionismo é a expressão da mais inflexível das necessidades sociais. Quando a uma lei destas chega o momento providencial da sua verificação, a linguagem dos que condenam como incendiária a propaganda precursora lembra a insânia do persa açoitando o Helesponto. “Ó tu, água amara”, clamavam os flageladores, “eis o castigo que nosso amo te impõe. Há de atravessar-te el-rei Xerxes, queiras, ou não. Com razão ninguém te oferece sacrifícios, falso mar! pois não és mais que um pérfido rio d’água salgada”. O mar que engolira as mil e duzentas trirremes da esquadra subjugadora, ria, na sua espuma, dos fustigadores impotentes, e Heródoto reproduz-nos as apóstrofes do velho monarca oriental, indignado contra o filho, sacrílego insultador da divindade marinha. “Esperava ele, mortal, levar de vencida todos os deuses?” O acesso de pueril loucura desaparecia, para não deixar ver aos olhos do crente senão a impiedade profanadora. Mas os deuses universais hoje são as leis que regem irresistivelmente o mundo, e cuja fatalidade esmagadora não perdoa à ímpia inépcia dos violadores da ordem eterna.

Desses, felizmente, entre nós, se ainda existem, são átomos perdidos no seio da civilização brasileira: cumpre consigná-lo, não aqui, onde ninguém o ignora, mas ante o mundo, em cuja opinião errôneas apreciações e falsas notícias podem ir-nos fazendo passar como um povo ainda não convencido da ilegitimidade da escravidão e da urgência de aboli-la. Cumpre afirmá-lo ante o mundo, aonde a minha voz não pode chegar, mas a vossa chegará certamente. Diga então ela por toda a parte a verdade: diga que o Brasil não sente menos do que a Europa a perversidade e a indignidade desta instituição; que ele vê empenhada na solução deste problema a fibra mais vital do seu ponto de honra.

É um estigma que lidamos suprimir, e a cujo contacto as faces desta nação, tão generosa quanto possa ser o velho mundo, purpureiam-se desse rubor sombrio que, no Paraíso da *Divina Comédia*, afogueava de indignação e vergonha a face do céu.⁷¹

Eis o que eleva Castro Alves á altura de um poeta nacional, e bastante eminente para representar uma grande manifestação da pátria: é que a alma da sua poesia é a aspiração culminante do país. Nos seus cantos geme pela liberdade o passado, pugna o presente, e triunfa o porvir.

Desse porvir pelas perspectivas infinitas é grato aos homens de fé estender olhos ansiosos. Elas encerram inspirações inexauríveis, como a grande arte da antiguidade, em que a obra prima de Fídias, o templo de Atené, tocando o limite do gênio humano, parece ter deixado à posteridade a profecia divina da civilização. A investigação artística, fundando-se no hino homérico, buscou recompor na frontaria oriental do Parténon, gasta pelo perpassar de mais de vinte séculos e profanada pelo barbarismo cristão, a epopéia, viva no mármore, no oiro e no marfim,⁷² do mestre dos mestres: o nascimento da deusa que presidia aos destinos e representava o gênio de Atenas. Segundo a mais plausível das suas interpretações, o sublime poema de pedra exprimia “a emoção causada pelo nascimento de Minerva nas três regiões do mundo: o Olimpo, a terra e o mar. É a iniciação de uma nova ordem de coisas, traduzida de um modo simbólico e plástico ao mesmo tempo. A deusa da civilização ateniense, pura filha do espírito, surge imprevistamente entre as antigas divindades, a que vinha suceder. Conjetura-se escolhido

⁷¹ “Di quel color che, per lo Sole avverso,
Nube dipinge da sera e da mane,
Vid’io allora tutto Ciel cosperso.”

DANTE: *Paradiso*, XXVII, 10.

⁷² “Phidiacum vivebat ebur”. JUVENAL.

pelo artista o momento em que, depostas por ela as armas, a admiração pela sua beleza seguiu-se entre os olímpios ao terror produzido pela sua inesperada presença. Íris e a Vitória anunciam às duas regiões inferiores a aparição de Minerva. A mensagem de Íris era benévola, e figura atrair para a deusa o grupo das divindades telúricas, numes da paz e da ordem social, benfazejas e civilizadoras. Esse grupo denotava alar-se para o sol, que se levantava no horizonte, esparzindo luz: ele significava o que vinha. Diversa era a mensagem da Vitória, endereçada às divindades marinhas, símbolos das paixões tumultuosas, brutais, ou lascivas, num estado social inconsistente. Lá se vão elas fugitivas, expelidas pela presença da filha de Júpiter, com a lua que baixa do céu para sob o horizonte, levando consigo os pérfidos prazeres e os usos supersticiosos da era bárbara.”⁷³ Para mim, senhores, eis a alegoria épica da lenta evolução da nossa espécie. Esse disco de baça claridade e reflexos sangrentos, que pouco a pouco se vai recolhendo para o ocidente, sob o manto da vitória, é a tradição da conquista, da violência e da escravidão, enquanto Atené, a personificação da ciência e da arte, da humanidade e da paz, ergue-se no oriente, entornando ao longe, por toda a parte, a benevolência, o espírito e a liberdade entre os homens.

Felizes, abençoados e grandes os que, como Castro Alves, podem ser um dos raios dessa alvorada!

⁷³ L. DE RONCHAUD: *Phidias, sa vie et ses ouvrages*. Apud LITTRÉ: *Littérature et histoire*, p. 410.

NOTA DA REVISÃO

Na transcrição de trechos do Poeta observam-se algumas divergências. Talvez Rui citasse de memória, limitando-se posteriormente a indicar as páginas. Apontamos aqui, à vista das primeiras edições, apenas as principais diferenças.

Pág. 11, 1, 21-23: “Não vês?... do céu a cúpula azulada
Como uma taça sobre nós voltada,
Lança poesia à flux!...”

Pág. 12, 1, 17: “Seu pae descansa – fulminado cedro –”

Pág. 13, 1, 17: “Meus amigos! Notae... bem como *um* passaro”.

Pág. 17, 1, 17: “*Eu* não quero loureais, quero as rosas...”

Pág. 22, 1, 24: “Não lhe *toques*...”

Pág. 23, 1, 2: “Em que o *deixeis* subir?!”: 1. 9: “...pet’las”.

Pág. 24, 1, 8-9: “Existe um povo que a bandeira *empresta*...
P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...”

Pág. 32, 1, 10: “...por entre o *véu*.” 1,16: “...Um *ente* para a dor e a fome!”.

Pág. 33, 1, 21: “*Cobria* a cabeça...”

Pág. 34, 1 11: “E as flores roseas dos *golfos*”; 1. 22: “Orlava o seio...”; 1. 25: “... da Bahiana *altiva*”.

Pág. 35. 1. 10: “No *longo* mar”.